

'Tucanos' temem racha

SÃO PAULO — "O essencial é manter a unidade do partido", declarou o presidente nacional do PSDB, o ex-governador Franco Montoro, procurando se livrar de perguntas diretas sobre o apoio dos **tucanos** a um ou outro dos candidatos que disputarão o segundo turno das eleições presidenciais. Diante de uma difícil decisão que, se mal encaminhada, pode pôr a perder a unidade, a militância e a imagem ética conquistada pelo PSDB no primeiro turno, Montoro e seus companheiros de direção evitam dar qualquer pista sobre a tendência do partido para o segundo turno. "Até o próximo sábado ouviremos todas as bases e só então o Diretório Nacional tomará uma decisão", afirmou Montoro.

Resultado de duas prolongadas reuniões realizadas ontem em São Paulo com a presença das principais lideranças do PSDB em todo o país, a programação de debates internos no partido foi a forma encontrada pela direção para ganhar tempo e dividir com o conjunto do PSDB o ônus de qualquer decisão. Os diretórios regionais em cada estado começarão a discutir a partir de amanhã a questão do segundo turno. Na próxima terça-feira, reúne-se a executiva nacional. Na quinta, será a vez da bancada no Congresso, e sábado, finalmente, o Diretório Nacional divulgará a decisão do conjunto do partido.

Exigência — Mas algumas definições já foram adotadas anteontem à noite em reunião realizada com a presença do candidato Mário Covas e do governador do Ceará, Tasso Jereissati. "Não dividiremos o governo. Em qualquer hipótese o PSDB não aceitará nenhum cargo", revelou o senador Fernando Henrique Cardoso, insistindo em que o partido colocará um programa mínimo, que inclui o parlamentarismo, como pressuposto para selar qualquer acordo, caso venha a apoiar alguma candidatura no segundo turno.

"E que não venham nos chamar de golpistas", alertou Fernando Henrique, lembrando que a proposta de antecipação para novembro de 1990 do plebiscito nacional sobre o sistema de governo, que a Constituição marca para 1993, foi defendida publicamente por Mário Covas no Congresso Nacional em abril, e fez parte de sua pregação ao longo da campanha eleitoral. Nada tem, portanto, a ver com o resultado da eleição de quarta-feira.

A proposta de parlamentarismo, na verdade, poderia prejudicar as discussões com o candidato dos so-

nhos do PSDB para o segundo turno, Leonel Brizola. "Mas aí discutiremos a questão, que não pode também ser tão fechada", confessa um dirigente tucano.

Saída — A vitória de Brizola seria a saída menos onerosa para o PSDB, tanto por questões regionais como políticas. "Brizola é um candidato vago, com uma cara política mais indefinida", explicou um líder do PSDB. "Collor será rejeitado pelas bases, que o classificam como um candidato de direita, e o Lula é de um esquerdismo radical com propostas atrasadas, bem distante do pensamento moderno do PSDB".

As diferenças políticas são um peso forte na balança. Mas as questões regionais também têm sido muito discutidas pelos **tucanos**. Para o prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, por exemplo, apoiar Luís Inácio Lula da Silva no segundo é a melhor forma de afastar e enfraquecer dois fortes adversários que devem atrapalhar seus planos de disputar o governo de Minas Gerais no ano que vem: o senador Itamar Franco, vice na chapa de Fernando Collor, enquanto o governador Newton Cardoso, não esconde sua simpatia pelo candidato do PRN, a que certamente apoiará. "Não posso aceitar apoio a Fernando Collor, nem por hipótese", advertiu Pimenta da Veiga.

Em São Paulo, a situação é idêntica, embora o personagem seja diferente. Enfeitar, no segundo turno, o palanque de Luís Inácio Lula da Silva, fortalecerá um velho adversário que o partido finalmente conseguiu derrotar em todo o estado e que fatalmente enfrentará outra vez no ano que vem, quando Mário Covas sai como franco favorito para o governo do estado. Além disso há a lembrança ainda bem fresca de todas as embates enfrentados desde a fundação do PT com líderes e militantes **tucanos**. "As bases não param de ligar para o perdido aqui em São Paulo pedindo equisistância. Nem Lula nem Brizola", informa-se no Diretório Regional do PSDB.

Buscar apoio a um programa mínimo e não se comprometer com uma adesão selada entre direções partidárias é a posição mais consensual entre os líderes do partido. E para aqueles que poderão acusar o PSDB de manter-se em cima do muro, os dirigentes já têm uma resposta: "No Colégio Eleitoral, quando se definia a democratização do País, o PT preferiu a neutralidade".